

EDITORIAL

A LÍNGUA PORTUGUESA E O PAPA

Dr. Antônio Gomes da Costa

Não foram ainda bem esclarecidos os motivos pelos quais Sua Santidade o Papa João Paulo II, nas audiências das quartas-feiras, na Praça de São Pedro, deixou de usar a Língua Portuguesa.

Para uns, a saudação do Pontífice no vernáculo foi suspensa por causa de seu estado de saúde. A cerimônia era demasiadamente longa e teve o tempo reduzido. Já para outros, a medida resultou do fato de muitos peregrinos que vão dos países lusófonos ao Vaticano não se inscreverem previamente para a audiência na Casa Pontifícia e, por conseguinte, na ausência dessa inscrição, não se justificava a saudação em português. Finalmente, há observadores que interpretam o gesto da Cúria como uma prova da pouca influência ou da falta de personalidades de prestígio dos países que falam a língua de Camões dentro da Santa Sé, com peso suficiente para travar uma medida desta natureza.

Quaisquer que tenham sido os motivos e apesar de não confirmada a exclusão definitiva do vernáculo, o certo é que tanto no campo diplomático como nas Conferências Nacionais dos Bispos do Brasil, de Portugal e de Angola, surgiram manifestações contrárias à decisão, mesmo porque isso ocorre numa altura em que aquelas Conferências episcopais estavam tentando introduzir o português como uma das línguas de trabalho do Sínodo dos Bispos.

Entretanto, o grande argumento para se manter nas audiências do Papa a saudação tradicional foi lembrado pelo presidente da CNBB, D. Geraldo Agnello: o português, a segunda língua mais falada no mundo católico, tem 170 milhões de utentes e o Brasil é o país que tem mais bispos e mais leigos. De entre os que professam a religião romana, só o espanhol é mais falado do que o português. E, não obstante essa realidade, as saudações do Papa em italiano, em francês, em inglês, em alemão e em polaco não foram cortadas. Cortou-se a saudação em português, que demorava 20 segundos, e que deixava felizes os milhares de peregrinos que, na Praça de São Pedro ou pelo “satélite”,

ligados ao mundo da lusofonia, ouviam as doces palavras do Pontífice na “última flor do Lácio”.

Recorde-se, a propósito desta má-vontade da Cúria com a língua portuguesa, que há alguns anos, num documento sobre a evangelização da América do Sul, emanado da Santa Sé, também só se realçava a missão feita em castelhano, omitindo-se o espaço eclesial representado pelo Brasil e toda a atividade missionária e catequética desenvolvida em português desde o primeiro Bispado da Bahia, passando-se por Nóbrega e Anchieta, pelos padres da Companhia de Jesus e por Vieira, pelo apostolado dos Beneditinos e dos Capuchinhos, dos Franciscanos e dos Carmelitas – e de tantos outros que deram às terras de Santa Cruz a fisionomia católica que as moldou.

Enquanto prosseguem no Vaticano as diligências da diplomacia e das Conferências dos Bispos para recuperar o idioma da “Nação Fidelíssima” e do maior país católico do mundo, ainda presente também como língua oficial em vários países da África e em Timor-Leste, resta-nos ouvir cinco missas, como o padre Amaro em Leiria, para pedir ao Senhor Deus que inspire os cardeais da Cúria...